

in NICO, B. (1997). "A adaptação à Universidade: fragmentos de um percurso curricular". in Manuel Abreu et al (Orgs.). *Atas da Conferência Internacional: A Informação e a Orientação Escolar e Profissional no Ensino Superior*, Coimbra: Universidade de Coimbra.

J. Bravo Nico*

A ADAPTAÇÃO À UNIVERSIDADE: FRAGMENTOS DE UM PERCURSO CURRICULAR

Os momentos de transição ou de descontinuidade representam sempre, qualquer que seja a ocasião do ciclo vital dos indivíduos em que ocorram, situações de alguma ansiedade, uma vez que acarretam mudanças aos mais variados níveis na sua vida. As transições que ocorrem na dimensão académica dos indivíduos revelam igualmente estados de desequilíbrio que, por vezes, se tornam incapacitantes para o normal desenvolvimento das actividades escolares, de entre as quais salientaremos aquela que será, eventualmente, a mais importante: a aprendizagem.

De entre as transições mais importantes que um aluno experimenta, no âmbito do seu(s) ciclo(s) académico(s), uma das mais procuradas e concomitantemente mais difícil é a que ocorre entre o ensino secundário e o ensino superior. O acesso à frequência do ensino superior representa, para a esmagadora maioria dos alunos portugueses que a ele concorre, a consecução plena de uma das mais importantes, senão a mais importante finalidade da sua vida, até então. Conseguir transitar do ensino secundário para o ensino superior é um projecto que, frequentemente, não é exclusivo do aluno, mas que é partilhado com igual intensidade pela sua família e pelos seus amigos. A transição não se confina a um plano estritamente pessoal, mas invade, quase que naturalmente, os planos familiar e social. Proporcionalmente, as responsabilidades do jovem aluno tornam-se maiores.

Ao entrar para a Universidade, o aluno inicia uma nova dimensão da sua vida. De forma muitas vezes repentina, a sua realidade muda completamente. Uma nova e desconhecida instituição, novos professores, novos colegas, novos processos de ensino e de aprendizagem, novas exigências, novas responsabilidades, novas rotinas, muitas vezes, longe da família, dos amigos de sempre, numa nova terra. São todos estes factores que irão, eventualmente, condicionar a capacidade relacional do aluno, afectando de forma evidente a qualidade do seu percurso curricular, neste momento tão singular da sua existência.

Ao entrar para o ensino superior, o indivíduo consegue aquilo com que vinha ambicionando há alguns anos. É um marco de extrema importância e felicidade na sua, ainda curta, trajectória de vida. Talvez o acontecimento académico que lhe dará maior felicidade até então. No entanto, imediatamente a seguir a este momento de felicidade poderão suceder-se algumas interrogações: Será que entrei para o curso que mais queria? Como é o ensino superior? Como são os professores do ensino superior? Como devo fazer para aprender adequadamente? Como me devo relacionar com os professores e com os meus colegas? O que me vão fazer nas praxes? Questões sem resposta imediata que podem perturbar, eventualmente, o ciclo de vida destes indivíduos que se inicia com a sua entrada na universidade.

Uma brevíssima contextualização...

Na última década, a Universidade portuguesa viu-se confrontada com um número cada vez mais elevado de discentes, cujo principal objectivo não será propriamente a capacitação para a produção do

* Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora, Apartado 94, 7001 Évora Codex, Portugal

CAMPOS, 1989, p.64): "será que a par do que parece ser a emergência de uma elevada procura de autonomia pessoal, se regista igualmente o crescer de um sentimento de impotência, de ausência de controle dos fenómenos sociais e políticos? Se é assim, compreende-se que percam saliência os valores da igualdade, de solidariedade e de intervenção social e que se tornem objecto de valor as estratégias individuais de resolução dos problemas."

Esta é uma nova realidade, para a qual a Universidade ainda não estará, eventualmente, sensibilizada e que, na nossa opinião, condiciona decisivamente o ambiente que se vive hoje nesta instituição, em Portugal. A considerável variedade de estudantes que, ano após ano, chega ao ensino universitário, precisa de ser recebida e orientada pela Universidade, razão pela qual, esta deverá assumir uma postura concomitantemente séria, simpática e compreensiva. A instituição universitária deverá exibir uma atitude cada vez mais humana e humanizante para com os seus alunos, ajudando cada qual a encontrar o seu caminho na vida.

A investigação...

O acesso ao ensino superior universitário é um marco de extrema importância na trajetória académica de qualquer aluno. Como se processará a adaptação à Universidade? Uma questão de difícil resposta, dada a dificuldade de verbalizar as emoções que, tão intensamente, são sentidas. No entanto, se bem que pouco objectivas, as dificuldades de adaptação do aluno à Universidade parecem condicionar de forma nítida todas as valências discentes (aprendizagem, relacionamento, entre outros).

O primeiro ano de Universidade é, normalmente, um ano de adaptação a uma nova situação, enquanto aluno. Aos problemas decorrentes da integração numa nova instituição, adicionam-se os que resultam do relacionamento com novos, e eventualmente diferentes, professores e ganham nova dimensão, aqueles que são consequência da necessidade de estabelecer laços relacionais com colegas que não se conhecem.

É neste contexto e nestas circunstâncias, que nasceu a presente investigação, a qual visou, concomitantemente, corresponder a um desejo muito pessoal, de quem viveu algumas vezes as situações, que agora pretendemos caracterizar, e produzir uma dissertação de Mestrado, na qual tivémos o privilégio de ser orientados pela Prof^a Doutora Maria Teresa Estrela. Centrámo-nos na pessoa do aluno, tentando perceber o universo subjectivo das suas representações, preocupações, angústias e desejos. Privilegiámos o estudo dos processos de adaptação da pessoa do aluno à Universidade, partindo das expressões verbais, recolhidas no final do primeiro ano lectivo, através de uma abordagem (auto) biográfica, concretizada na realização de entrevistas semi-directivas.

Tema - As dificuldades na adaptação (cf. Quadro I)

- Categoria A - Razões das dificuldades
- Categoria B - Momentos das dificuldades
- Categoria C - Estratégias de superação/adaptação
- Categoria D - Quem auxiliou

As entrevistas visavam, entre outras coisas, identificar e caracterizar as principais dificuldades de adaptação à Universidade, expressas pelos inquiridos. Os dados obtidos possibilitaram obter uma imagem dos obstáculos e dificuldades por que passaram estes alunos, durante o seu primeiro ano, como discentes universitários. Esses dados foram categorizados em quatro dimensões, que correspondem às categorias A, B, C e D ("Razões das dificuldades", "Momentos das dificuldades", "Estratégias de superação/adaptação" e "Quem auxiliou", respectivamente).

Quadro I - Tabela frequencial

Sub-categoria	Conteúdo dos indicadores	Freq. Abs Un. Reg.	Freq. Rel % Un. R.	Freq. Abs Un. En.	Freq. Rel % Un. En.	UR / UE
A1- Relacionais	- estar só	1	5,2	1	5	1
	- não conhecer ninguém	5	26,4	4	20	1,3
	- a relação c/ os professores	5	26,4	4	20	1,3
	- a relação c/ os colegas	5	26,4	4	20	1,3
	- a relação c/ a instituição	3	15,6	2	10	1,5
A1- Totais		19	100	7	35	2,7
A2- Ensino- -aprendizagem	- métodos de ensino	6	33,3	5	25	1,2
	- métodos de estudo	6	33,3	5	25	1,2
	- gestão do tempo	3	16,7	3	15	1
	- avaliação	3	16,7	3	15	1
A2- Totais		18	100	11	55	1,6
A3- Factores de desen- volvimento pessoal	- imaturidade	9	47,3	5	25	1,8
	- irresponsabilidade / início da responsabilidade	5	26,3	5	25	1
	- estado civil	1	8,8	1	5	1
	- profissão	1	8,8	1	5	1
	- estar fora de casa	3	17,6	3	15	1
A3- Totais		19	100	9	45	2,1
A4- Impreparação prévia	- desconhecimento da realidade universitária	3	37,5	2	10	1,5
	- impreparação para o ensino universitário por parte do ens. secundário	5	62,5	4	20	1,25
A4- Totais		8	100	6	30	1,33
A5- Rituais de iniciação	- receio	1	14,3	1	5	1
	- experiênc. desagradáveis	6	85,7	4	20	1,5
A5- Totais		7	100	4	20	1,75
B1- Localização crono- lógica	- primeiras semanas	8	57,3	6	30	1,33
	- primeiros 2 meses	2	14,3	2	10	1
	- Fevereiro	1	7,1	1	5	1
	- primeiro exame	1	7,1	1	5	1
	- cada vez que sai de casa	1	7,1	1	5	1
	- aquando da matrícula	1	7,1	1	5	1
B1- Totais		14	100	7	35	2
C1- De índole individual	- não fazer nada	3	27,3	2	10	1,5
	- estudar	3	27,3	3	15	1
	- ficar em casa	2	18,2	2	10	1
	- sair de casa	2	18,2	2	10	1
	- rezar	1	9	1	5	1
C1- Totais		11	100	6	30	1,8
C2- Com o auxílio dos outros	- amigos anteriores à Universidade	1	25	1	5	1
	- relacionando-se abertamente	1	25	1	5	1
	- instituição religiosa	2	50	1	5	2
C2- Totais		4	100	3	15	1,33
D1- Familiares	- pais	4	66,6	4	20	1
	- outros familiares	2	33,4	2	10	1
D1- Totais		6	100	6	30	1
D2- Colegas de curso	- colegas do mesmo ano	3	50	3	15	1
	- colegas do 3º e 4º anos	3	50	3	15	1
D2- Totais		6	100	5	25	1,2
D3- Outras pessoas	- amigos	8	42,1	7	35	1,1
	- camaradas de quarto	5	26,3	3	15	1,7
	- professores	2	10,5	2	10	1
	- padres	2	10,5	2	10	1
	- madrinha/padrinho	1	5,3	1	5	1
	- namorada(o)	1	5,3	1	5	1
D3- Totais		19	100	13	65	1,46

Legenda:

Freq. Abs. Un. Reg.--- Frequência absoluta das unidades de registo

Freq. Rel. Un. Reg (% UR)--- Frequência relativa das unidades de registo no âmbito da sub-categoria

Freq. Abs. Un.En.--- Frequência absoluta das unidades de enumeração(UE=20)

Freq. Rel. Un.En. (% UE)--- Frequência relativa das unidades de enumeração

UR/UE--- Quociente entre a totalidade das unidades de registo e as unidades de enumeração da sub-categoria

1. "Razões das dificuldades"

As opiniões expressas pelos respondentes, no que respeita a esta temática, podem ser visualizadas no Quadro II:

Quadro II - Tabela de frequências da categoria A: "Razões das dificuldades"

Sub-Categorias	Freq. U. E.	Freq. Rel U. E.
A2- Ensino-aprendizagem	11	55%
A3- Factores de desenvolv. pessoal	9	45%
A1- Relacionais	7	35%
A4- Impreparação prévia	4	20%
A5- Rituais de iniciação	4	20%

Como se pode constatar, a maioria dos alunos entrevistados refere como principal obstáculo, ou dificuldade, a adaptação aos (novos) métodos de ensino docente, o que tem como consequência a necessidade de se adoptarem novos métodos de aprendizagem. Na realidade, 55% dos inquiridos salienta este facto, colocando em plano de concomitante importância o ensino e a aprendizagem ($UR/UE = 1,2$ nos dois casos).

Tentando ilustrar, vejamos algumas das opiniões expressas:

"na Universidade o método de dar as aulas é completamente diferente...";

"o tipo de ensino é completamente diferente...";

"o mais difícil foi com as disciplinas e com o estudar...";

"não sabia bem por onde é que havia de começar a estudar...".

Igualmente importantes, no âmbito da adaptação aos métodos de ensino-aprendizagem, são as referências feitas à relativa incapacidade de *"organizar o tempo para o estudo e para o trabalho"* e à avaliação que *"era um aspecto que me metia medo"*.

Outras dificuldades enunciadas pelos respondentes são as que se prendem com aquilo a que apelidamos *factores de desenvolvimento pessoal* (cf. sub-categoria A3). Neste âmbito, destacamos os obstáculos originados pelo facto de *"nem todos têm mentalidade para andar na Universidade. Há rapazes e raparigas com 17 e 18 anos que ainda pensam de uma maneira infantil e depois os professores não têm paciência para isso, porque não estão a dar aulas no secundário"*. Efectivamente, 25% das entrevistas refere a imaturidade como uma das dificuldades importantes no processo de adaptação à Universidade. É que, como se afirma *"ter boas notas e entrar é uma coisa, ter maturidade para cá andar é outra"*.

A falta de algum sentido de responsabilidade discente é referida por alguns dos próprios alunos (25% da amostra), facto que encontra por vezes a sua justificação, na pouca idade dos alunos universitários:

"só aquelas pessoas de 25 anos para cima é que estão a levar isto a sério".

O terceiro grande grupo de dificuldades (resultado de uma ordenação das sub-categorias por ordem decrescente da frequência das suas unidades de enumeração) são as que resultam de obstáculos de índole relacional (cf. Sub-categoria A1). O relacionamento pessoal assume, como se sabe, um papel importante na integração e acomodação do indivíduo a situações que, como é o caso da entrada na Universidade, se caracterizam por acarretarem o início de um novo ciclo nas suas vidas. É uma nova

instituição: "*não percebia a organização disto*"; são novos professores: "*bá uma distância muito maior entre professor e aluno*"; são novos colegas, com os quais se irão desenvolver novas formas de relacionamento: "*nós tivemos de aprender a lidar uns com os outros*". Este factor relacional assume, para aqueles que a ele se referiram (35% dos entrevistados), uma importância decisiva (UR/UE = 2,7) que se ilustra bem com a seguinte afirmação:

"as pessoas nem sequer o nosso nome sabem...".

As dificuldades radicam, para 20% dos declarantes, no ensino secundário. É referido que esse ciclo de ensino não preparará, eventualmente, os jovens para a transição abrupta que irão viver, aquando da sua entrada na Universidade (cf. sub-categoria A4). Podemos ilustrar a forma como expressam esta opinião, ouvindo alguns dos respondentes:

"a minha dificuldade de adaptação no ensino superior resulta disso: acho que fomos demasiado apapricados...";

"no ensino secundário qualquer probleminha estava ali o professor..."

Por último, salientaremos, uma vez mais, os transtornos causados pelas experiências desagradáveis proporcionadas pelos rituais de iniciação a que foram sujeitos os debutantes (cf. sub-categoria A5).

2. "Momentos das dificuldades"

Quadro III - Tabela de frequências relativas da categoria "Momentos das dificuldades"

Localização cronológica das dificuldades	Freq. Relat. U.E. (%)
primeiras semanas	30
primeiros 2 meses	10
Fevereiro	5
primeiro exame	5
cada vez que sai de casa	5
aquando da matrícula	5

As dificuldades descritas anteriormente foram localizadas cronologicamente no período, que tem como limite inferior o primeiro dia de contacto com a Universidade, que normalmente acontece aquando da realização da matrícula, e como limite superior o mês de Fevereiro, que corresponde (na Universidade de Évora) ao final do primeiro semestre lectivo. Existe, no entanto, um período bastante crítico, que corresponde às primeiras semanas de actividades lectivas, de acordo com o teor de algumas das entrevistas (57,3% das U.R.). Esses primeiros dias parecem ser de difícil superação, constituindo-se como a primeira grande prova, o primeiro grande exame da vida de um estudante universitário, como nos podemos aperceber nas seguintes citações:

"a primeira semana foi um inferno...";

"ao princípio foi terrível...";

"na primeira noite acho que ainda chorei sozinho...".

De notar que não são feitas quaisquer referências a dificuldades vividas em momentos posteriores a Fevereiro, o que poderá pressupor uma adaptação parcialmente conseguida no segundo semestre lectivo.

3. "Estratégias de superação/adaptação" e "Quem auxiliou"

Da leitura do Quadro 1 e tentando resumir de forma quantitativa as estratégias adoptadas pelos discentes, tendo em vista superar as dificuldades enunciadas e descritas, optámos por introduzir o Quadro IV, o qual retrata o conjunto de operações a que os discentes recorreram, para resolver a complexa e "terrível" situação vivida nas primeiras semanas como alunos universitários.

Quadro IV: Tabela de frequências relativas da categoria C: "Estratégias de superação/adaptação".

Estratégias de superação/adaptação	Freq. Relat. U.E. (%)
estudar	15
não fazer nada	10
ficar em casa	10
sair de casa	10
rezar	5

Verificamos que as estratégias utilizadas para superar as dificuldades decorrentes da inserção no meio universitário, relativamente aos alunos do 1º ano, subjazem a uma postura bastante conformista, individualista e isolacionista, independentemente da idade dos respondentes, como se comprova através do facto do valor de *qui quadrado* calculado (2,37) ser inferior ao valor tabelado correspondente (3,84) de acordo com MIALARET (1991, p. 225-238), como se pode depreender da análise das sub-categorias C1 e C2, facto que ilustramos com algumas das declarações proferidas a este respeito:

"não tenbo feito nada...";

"nas primeiras semanas ficava em casa, via televisão...";

"não tenbo tentado nada...".

São também referidos estratagemas, que assentaram numa preocupação de exercer uma qualquer actividade pontual, quer "organizando as coisas" sendo "através da leitura" ou "estudava". Dois dos alunos indicaram a religião, como o refúgio que procuraram nesses atribulados momentos vividos nos primeiros dias de universidade:

"primeiro rezo...";

"tentei familiarizar-me com pessoas da mesma ideologia[religiosa] que eu...".

O comportamento dos inquiridos raras vezes assentou em estratégias de relacionamento deliberado com os outros (apenas 15% dos entrevistados expressou ter recorrido a outrem, durante o período crítico da sua fase de adaptação à universidade). É feita apenas uma referência à necessidade consciente de "manter uma relação aberta com eles [alunos e professores]" no sentido de amenizar as consequências isolacionistas dos primeiros tempos de Universidade. De referir, no entanto, que a relação experimentada com os docentes universitários se caracteriza pela fuga sistemática às situações de conflito e também pela lisonja (NICO, 1995, p. 200).

As experiências relatadas pelos entrevistados, no que respeita ao auxílio que receberam (e/ou procuraram) de outras pessoas, durante o seu 1º ano de Universidade, forneceram-nos a informação que se encontra classificada na categoria D a partir da qual se ordenaram por ordem de decrescente importância (ordem decrescente das frequências relativas das U.E.) os grupos de pessoas mais frequentemente referidos nas entrevistas:

Quadro V - Tabela de frequências relativas (U.E.) da categoria D "Quem auxiliou"

Quem auxiliou	Freq. Relat. U.E. (%)
amigos	35
pais	20
colegas do mesmo ano	15
colegas do 3º e 4º anos	15
camaradas de quarto	15
professores	10
padres	10
outros familiares	10

Um primeiro comentário é suscitado pelo facto de 35% dos entrevistados expressarem, de uma ou doutra forma, a ajuda prestada pelos seus amigos, durante a fase inicial das suas carreiras académicas: "*alguns amigos de longa data*" como é referido, ou até mesmo "*amigos que conheci durante a recepção ao caloiro*". Os pais foram, para 20% dos inquiridos, um importante apoio nas horas menos boas, que foram intensamente vividas pelos debutantes. Os colegas de curso (quer do primeiro ano, quer de anos mais avançados) são também indicados, como se comprova através dos seguintes excertos:

"pessoas na turma, que já são mais queridas...";

"tive muito apoio dos meus colegas, principalmente do 3º ano...".

Para todos aqueles que residem longe do local onde momentaneamente estudam, o alojamento, para além de constituir um esforço económico considerável, é uma variável de extrema importância, da qual depende, em grande medida, o sucesso da adaptação do aluno universitário ao *meio periescolar* que o cerca. Os camaradas de quarto ou de casa condicionam muitas vezes esse processo de integração (NICO, 1995, p.168), facilitando-o extraordinariamente, quando no seio desse grupo restrito se geram laços de confiança e solidariedade, os quais, muitas vezes, não se esgotam nunca no tempo. Apesar de apenas 15% dos entrevistados referir este aspecto, este assume-se já como um facto de grande importância para alguns estudantes, o que é atestado pelo elevado valor UR/UE (que no caso é 1,7).

De salientar a ausência de qualquer referência à instituição, enquanto tal, o que pressupõe uma *acção nula da Universidade no sentido de receber, adaptar e integrar os seus novos membros*. Concomitantemente pouco nomeados (apenas 2 U.E.), os professores parecem pouco contribuir, durante o exercício das suas funções, para tal desiderato.

Concluindo...

Concluiremos, referindo que nas primeiras semanas de universidade, o discente *caloiro* vive intensamente as muitas dificuldades com que depara. Aos obstáculos de natureza diversa e sistémica, a uma impreparação prévia e a um desconhecimento da realidade universitária, juntam-se uma certa "*imaturidade*" e alguma "*irresponsabilidade*" factos que conjugados com uma dificuldade reconhecida e expressa no relacionamento com todos os que o rodeiam, potenciam no jovem aluno estados de eventual angústia, que o levam, a maior parte das vezes, a recorrer a atitudes e comportamentos algo introvertidos, apesar de reconhecer a importância do relacionamento com os outros, na superação das dificuldades.

As dificuldades expressas e todas aquelas que, por serem intensamente sentidas, dificilmente são verbalizáveis, decorrem, em nosso entender, de uma mistura difusa de sentimentos e emoções muitas vezes contraditórios. O receio, o medo e a angústia ocorrem precisamente porque se vive com muita intensidade toda uma série de novas situações, que, pela sua novidade, arrastam concomitantemente o prazer do risco e do desconhecido. Estar na Universidade é, antes de tudo, motivo de júbilo e de satisfação. Daí que opiniões como aquela que transcrevemos, deixem transparecer um certo hedonismo:

"enquanto estiver aqui a estudar vou encarar as coisas de uma maneira bastante desportiva (...) quando começar a trabalhar (...) é o início da responsabilidade...".

No entanto, estar na Universidade implica igualmente o assumir de determinados compromissos para com os outros e para consigo próprio. É nesse plano que, em nossa opinião, assentam a maior parte dos obstáculos que foram referidos pelos respondentes. Estar na Universidade, ao longo do 1º ano, começa a não ser somente a concretização de um projecto ambicioso. É, principalmente, a assunção responsável e quase definitiva de um projecto de vida, que não é compatível com os comportamentos do passado recente.

Referências Bibliográficas

- BARDIN, Laurence (1977), *L'analyse de contenu*, Paris, P.U.F.
- CLAPIER-VALLADON, S. (1983), "Récits de vie et analyse de cas: Approche phénoménologique" in Simone CLAPIER-VALLADON e Jean POIRIER (orgs), *L'approche biographique*, Nice, Centre Universitaire Méditerranée, pp. 96-102.
- ESTRELA, Maria Teresa (1984), "Relação Pedagógica: Contrato, Transacção ou Ultimatum", *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XVIII, pp.63-73.
- GIBBS, G. e JENKINS, A. (1992), *Teaching Large Classes in Higher Education*, London, Kogan Page Limited.
- GIL, António Carlos (1990), *Metodologia do Ensino Superior*, S. Paulo, Ed. Atlas.
- GIROD DE L'AIN, B. e LICHNEROWICZ, A. (1972), "Formation initiale et formation ultérieure. L'allongement démesuré des études supérieures, obstacle majeur à l'éducation permanente", in B. GIROD DE L'AIN (ed.), *Vie active et Formation Universitaire - Actes du Colloque d'Orléans*, Novembre, Paris, Dunod, pp. 15-29.
- JAROUSSE, J. P. (1984), "Les contradictions de l' Université de masse, dix ans après (1973-1983)", *Revue Française de Sociologie*, XXV, pp. 191-210.
- LARGUÉZE, Brigitte (1992), "Le bizutage: Un rite de passage", *Les Sciences de l'Éducation*, nº 3-4, pp. 11-120.
- MENEZES, I. COSTA, M. e PAIVA CAMPOS, B. (1989), "Valores de estudantes universitários", *Cadernos de Consulta Psicológica*, nº 5, pp. 53-68.
- MIALARET, Gaston (1991), *Statistiques appliqués aux sciences humaines*, Paris, P.U.F.
- NICO, J. B. (1995), *A Relação Pedagógica na Universidade: ser-se caloiro*, [dissertação apresentada à Universidade de Lisboa, tendo em vista a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação], Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- NICO, J. B. (1995), "Contributo para o estudo da relação pedagógica no ensino superior: ser-se caloiro na instituição universitária", in Actas do V Colóquio Nacional da Secção Portuguesa da APELF/AFRSE, Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, pp. 769-782.

- NICO, J. B. (1996), "A identidade vocacional em alunos universitários: um estudo de casos", comunicação apresentada ao VI Colóquio Nacional da Secção Portuguesa da APELF/AFIRSE, Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- NICO, J. B. (1996), "A entrada na universidade: vocacionalmente um fim ou um princípio?", in Actas do II Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia, Braga, Universidade do Minho, pp. 207-217.
- QUESADA, M. e PEREIRA, M. (1991), "Algunas actitudes y comportamientos de la tarea de especificación en el desarrollo vocacional de estudiantes universitarios", *Revista Educacion de la Universidad de Costa Rica*, vol. 15 (1), pp. 95-103.
- SAINT-BONNE, M. (1991), "Acerca de la integración de estudiantes, profesores y comunidad", *Revista Educación de la Universidad de Costa Rica*, nº 15 (1), pp. 139-145.
- WILLIAMS, Gareth, (1978), "Vers l'éducation permanente: un rôle nouveau pour les établissements d'enseignement supérieur", Paris, U.N.E.S.C.O.
- WITTROCK, Merlin (1985), "Students' Thought Processes" in Merlin WITTROCK (ed.), *Handbook of Research on Teaching*, 3ª ed. London, Collier Macmillan Publishers, pp. 297-314.